



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

RAQUEL BARBOSA MEZAVILA ABDELMUR

**Ê vida de gado: as marcas ideológicas BOMBAm Hoje na
comunidade dos *rappers***

BRASÍLIA/DF

2013

RAQUEL BARBOSA MEZAVILA ABDELMUR

**Ê vida de gado: as marcas ideológicas BOMBAm Hoje na
comunidade dos *rappers***

Monografia apresentada ao curso de Letras do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como
requisito parcial à aprovação e obtenção do grau de
licenciado.

Orientador: Prof. MSc. Rodrigo Albuquerque

BRASÍLIA/DF

2013

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais que me apoiaram durante todo o percurso, não apenas da elaboração da monografia, mas de todo o curso de Letras. Sempre que o caminho parecia complicar-se e o desânimo surgia, eles fizeram com que os ânimos voltassem com palavras de incentivo e diálogos construtivos.

Agradeço, também, às amigas Márcia Carrijo e Yasmin Lengruber, que estiveram presentes em todo o processo de fabrico desta monografia, incentivando e até mesmo, proporcionando ideias novas em relação a este trabalho.

Ao professor Dr. Harrison da Rocha, que foi o principal motivador na realização desse trabalho. Mostrou-me os caminhos da ADC, despertando um interesse pela área, que perdurará por muito tempo.

Ao professor Msc. Rodrigo Albuquerque, orientador dedicado e empenhado, sempre buscando o ampliamto e refinamento do conhecimento na área da ADC. Orientador, amigo e mestre incomparável.

A Francisco Gladestone, companheiro incrível e compreensível. Nas horas de desespero sempre foi apaziguador e conselheiro, contribuindo, e muito, na realização desse trabalho.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modos gerais de operação da ideologia. Fonte: Ramalho e Resende, 2011, p. 27-28.

RESUMO

Este trabalho consiste na análise do texto da música Bomba H, produção musical do grupo Face da Morte, à luz da ADC, especialmente em Fairclough (2001), Bakhtin (1979, 2009) e Thompson (1995, 2002a), a fim de se evidenciar aspectos ideológicos, levando-se em conta efeitos discursivos promovidos por estes. A partir dos resultados obtidos, que revelam críticas ao tecido sócio-político brasileiro devido à ideologia imposta pela maioria dominante, a qual leva a população brasileira a situações cada vez piores em termos sociais, discute-se a importância dos estudos ideológicos na educação básica a fim de proporcionar aos sujeitos a construção de consciência crítica para tornarem-se cidadãos conscientes da sociedade em que estão inseridos.

Palavras-chave: Ideologia. Discurso. *Rapper*. Ensino. ADC.

SUMÁRIO

PERSPECTIVAS	8
1 QUESTÕES SOCIODISCURSIVAS EM AMBIENTES MARGINALIZADOS	10
1.1 CONCEITO DE MARGINALIZAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL	10
1.2 O RAP, A SOCIEDADE BRASILEIRA E A DENÚNCIA SOCIAL	15
2 DEFINIÇÕES DE IDEOLOGIA	19
2.1 FAIRCLOUGH E A MUDANÇA SOCIAL	19
2.2 THOMPSON E A ASSIMETRIA	20
2.3 BAKHTIN E O DIALOGISMO	22
3 METODOLOGIA	24
3.1 A ESCOLHA DA ÁREA DE ESTUDO	24
3.2 A ESCOLHA DO TEMA	25
3.3 A ESCOLHA DO TEXTO (MÚSICA)	26
3.4 ESTRUTURA DE ANÁLISE	27
4 ANÁLISE E EVIDÊNCIAS DE TRAÇOS IDEOLÓGICOS NO TEXTO “BOMBA H”	29
4.1 <i>BOMBA H</i>	29
4.2 <i>O RAP É FODA E NÃO É MODA</i>	30
4.3 <i>TÔ FORA DESSE ESQUEMA</i>	31
4.4 <i>Ê VIDA DE GADO</i>	32
4.5 <i>NÃO ENTENDO ESSE JOGO</i>	34
4.6 <i>GARANTIA DE PÃO</i>	34
4.7 <i>MAIS DE 15 MILHÕES QUE NÃO SABEM O BÊ-A-BÁ</i>	35
4.8 <i>DOCTORADO EM CINISMO</i>	37
4.9 <i>NEGÓCIO DA CHINA</i>	38
4.10 <i>DESIGUALDADE SOCIAL: A ORIGEM DE TODO MAL</i>	39
4.11 <i>O MINISTRO JOSÉ SERRA É UM BOM AGENTE FUNERÁRIO</i>	40
4.12 <i>O QUE DEUS PEGAR É DELE, O QUE CAIR NO CHÃO É MEU</i>	41
4.13 <i>ANÕES QUE MANIPULAM A NAÇÃO</i>	42
4.14 <i>RESULTADOS E DISCUSSÃO</i>	42
5 ESTUDO DA IDEOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	44
5.1 <i>PROFESSOR COMO MEDIADOR</i>	45
5.2 <i>DESCONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER: INÍCIO EM SALA DE AULA</i>	47
PROSPECTIVAS	50
REFERÊNCIAS	52

PERSPECTIVAS

O hip-hop, bem como o rap, consiste em uma vertente cultural que tem por principal objetivo, tratando-se mais especificamente das produções musicais, a denúncia social e política, objetivando a conscientização e a formação crítica dos sujeitos, principalmente daqueles que habitam as periferias. Para tanto, os agentes que representam essa população na cultura do rap são os *rappers*, que produzem as músicas de acordo com a realidade vivida pelos habitantes da periferia e representam a ideologia que a classe dominante quer massificar e impor à comunidade.

A inquietação que justificou a realização dessa pesquisa surgiu na observação da necessidade de um aprofundamento nos estudos relacionados à ideologia nos textos por professores da educação básica, haja vista que, na sociedade atual, é necessário existir sujeitos com criticidade necessária para perceber as relações de poder, não se tornando apenas um sujeito alienado, conduzido pelos meios de comunicação. Outro fator que colaborou para essa investigação foi a necessidade de se inserirem textos marginalizados pela sociedade nos estudos em sala de aula, pois, quando utilizados, privilegiam apenas aspectos da gramática normativa, excluindo-se, assim, aspectos ideológicos.

Por vezes, a análise de textos é voltada apenas para questões estruturais, deixando-se de focalizar em estruturas ideológicas e subentendidas, que podem nem ser abordadas ou podem ficar em segundo plano durante as aulas de Língua Portuguesa. Faz-se importante, então, voltar a atenção para aspectos ideológicos do texto, a fim de se perceber a relação de poder presente no texto e seu impacto na sociedade.

Outro aspecto importante a se considerar é a questão de que a noção sobre ideologia presente nos textos deve perpassar o ensino básico nas escolas, sendo papel importante do professor mediar essa discussão sobre como o fator ideológico manifesta-se nos textos e nos sujeitos por trás do discurso. Isso despertará o senso de criticidade nos sujeitos, formando cidadãos capazes de identificar aspectos ideológicos nos diversos textos presentes na sociedade. A ideologia, comumente, representa um conjunto de crenças e valores de grupos sociais que organiza e

caracteriza esses grupos como tais. Ela é responsável por manter a ordem, principalmente aquela ditada pelos grupos que detêm o poder. Porém, a ideologia proferida por signos linguísticos, segundo Bakhtin (2009), tem caráter dialógico, ou seja, a ideologia pode ser questionada através de interações sociais, mesmo que a maioria dominante tente ocultar esse caráter. Esse é mais um motivo para que os cidadãos tenham sua formação intelectual respaldada nos estudos ideológicos com a finalidade de obterem consciência crítica para questionar as ideologias presentes em sociedade.

O trabalho consistiu em pesquisa bibliográfica por meio da análise do texto “Bomba H” sob o viés da ADC, buscando compreender a ideologia por trás desse texto. Para tanto, o texto foi analisado sob a ótica dos teóricos que aqui serão utilizados e a análise da pesquisadora. Logo após, foi aberta uma discussão de como se inserir esse tipo de texto em sala de aula, buscando-se evidenciar o papel do professor de Língua Portuguesa como mediador do conhecimento (e da escola como lugar de construção e aperfeiçoamento do conhecimento), tendo a responsabilidade de proporcionar aos estudantes um estudo crítico da língua, já que esta estabelece relações de poder na interação verbal. O principal objetivo desse trabalho, portanto, é analisar o texto “Bomba H” à luz da ADC evidenciando aspectos ideológicos e os efeitos discursivos proporcionados por eles, explicitando tanto os aspectos sociais brasileiros presentes no texto quanto o que o sujeito necessita de ter para compreender a mensagem veiculada por esse.

O presente trabalho interessará a profissionais de Língua Portuguesa e estudantes de Letras que se interessem pelo estudo da ideologia em textos como esse, que são pouco explorados em sala de aula.

1 QUESTÕES SOCIODISCURSIVAS EM AMBIENTES MARGINAIS

De acordo com Vygotsky (1934), Bakhtin (1952, 1929) e Habermas (1980, 1981), citados por Afonso e Teixeira (s/d), as ações verbais integram o tecido social em que há interação de valores, interesses e crenças, constituindo, assim, o espaço sociodiscursivo. Logo, esses espaços diferenciam-se uns dos outros de acordo com o grupo social, a faixa etária e o sexo, bem como as produções textuais resultantes de quem as realiza. Segundo Afonso e Teixeira (s/d), o interacionismo sociodiscursivo focaliza-se nos modos de produção externos ao texto, ou seja, o interesse e a funcionalidade na criação de textos, assim como o discurso e o contexto que permeiam o texto e seu impacto social. Quando se menciona função textual refere-se a gêneros textuais, pois dentro destes estão os textos que exercem uma função em sociedade, por exemplo, um anúncio tem a função social de informar aos sujeitos sobre algo que está sendo vendido, ou de informar acerca de uma prestação de serviços e bens.

A discussão que será proposta nesta monografia envolve um grupo social específico: o grupo marginalizado da periferia, mais especificamente a comunidade dos *rappers* e o impacto das letras de suas músicas em sociedade. É perceptível que a visão dos sujeitos sobre esses textos produzidos por essa comunidade mudará de acordo com o espaço sociodiscursivo em que os sujeitos se encontram em relação à interpretação, às inferências e à função desses textos. Isso implica dizer que os sujeitos dos espaços marginalizados perceberão esses textos de uma forma, enquanto os sujeitos dos espaços de prestígio terão outro olhar.

1.1 CONCEITO DE MARGINALIZAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL

Os processos de marginalização e exclusão social assolam a sociedade brasileira desde os tempos de colônia. São processos que, em linhas gerais, privam os sujeitos de se inserirem nos meios sociais de prestígio e usufruírem de seus produtos e serviços.

Em se tratando de marginalização, Roso e col. (s/d) discutem os termos “maioria” e “minoría”. Os autores salientam que ambos apresentam tanto sentido numérico quanto sentido ideológico social. Nesse último caso, o que mais se aplica a este trabalho, o termo “maioría” é configurado por um grupo social dominante que

detêm o controle de aspectos econômicos, sociais e de poder, travando, assim, relações assimétricas com as minorias sociais. Já o termo “minoria” refere-se a grupos que detêm características físicas, culturais e até cognitivas que não são reconhecidas na cultura do grupo de prestígio. Isso significa constatar que todo e qualquer sujeito que não se enquadre na cultura da maioria fará parte de um processo de exclusão, ficando à margem da sociedade.

Em relação à exclusão social, Rosanvallon (1995) e Castel (1991, 1998), citados por Escorel (s/d), identificaram a exclusão social como uma nova problemática do século XX, tendo por ponto central a crise de assalariamento como forma de inserção em sociedade. Essa crise foi originada por modificações no sistema produtivo, sendo visado o acúmulo capitalista, o que gerou diminuição de empregos, impedindo a solidariedade e inserção social. Já no Brasil, Escorel (s/d) afirma que o problema da exclusão social vai além de questões econômicas: é originário de questões históricas (a escravidão).

Segundo Escorel (s/d), a exclusão social compõe a área da pobreza e das desigualdades, sendo que é mais diretamente ligada à defasagem econômica dos sujeitos, tornando-se mais visível onde há mais pobreza e desigualdade. Quando um sujeito não tem acesso aos meios de produção e consumo de bens padronizados pela sociedade, ele estará, necessariamente, sofrendo um processo de exclusão social. Daí formam-se as classes sociais, fazendo parte desse processo a riqueza, o prestígio e o poder (CAVALLI, 1991, citado por ESCOREL, s/d, p.6).

A exclusão é formada por processos dinâmicos, abrangendo várias dimensões que originam relações desiguais de poder, tendo por base quatro dimensões primordiais: econômica, política, social e cultural (POPAY et. al, 2008, citados por ESCOREL, s/d, p.7). Escorel (s/d) acrescenta que a exclusão configura tanto em processo quanto em estado. Um processo porque gira em torno do eixo exclusão/inclusão; um estado, pois o sujeito é tachado como excluído, o resultado do movimento.

No entanto, há uma crítica em torno da expressão “exclusão social”, já que o indivíduo não está totalmente excluído da sociedade em que está inserido, pois, “todas as relações constituiriam uma mesma tessitura social, mais ou menos esgarçada, porém sempre tecida” (ESCOREL, s/d, p.8). Segundo Zioni (2006), citado por Escorel (s/d), a exclusão social faz menção apenas ao enfraquecimento da atuação social dos sujeitos nos campos sociais mais importantes do contexto no

qual estão inseridos. Aqueles pertencem ao sistema social, sendo colocados, apenas, à margem deste.

Pozzo e Furini (2010) discutem dois termos de Campos (2003): nova exclusão social e velha exclusão social. A velha exclusão social diz respeito a problemas imigratórios, níveis precários de escolaridade, privações absolutas a meios de produção e consumo de bens e serviços, e diferenças de raças e etnias. A nova exclusão social é baseada em desigualdades não inclusas em políticas de inclusão: desemprego, aumento da mendicância e degradação mundial (insegurança e violência). Segundo Wanderley (2001), citado por Pozzo e Furini (2010), os excluídos da nova ordem são estigmatizados, caracterizando-se em grupos populacionais que não se inserem mais no mercado. Isso se reflete, conseqüentemente, em outras instituições sociais (em que também não se inserem), como a política e a mídia, e nas relações de interação com grupos sociais diferentes nos quais estão inseridos.

A exclusão social passa a ser, então, um processo que marca definitivamente o sujeito, pois houve a sobreposição do termo “pobreza” a “exclusão”, consideradas, atualmente, como o mesmo termo (POZZO E FURINI, 2010, p.4). A exclusão é caracterizada por um sistema em que há privação coletiva e em que estão inseridas a pobreza, a subalternidade e a discriminação (WANDERLEY, 2001, pp. 20- 24, citado por POZZO E FURINI, 2010, p.4)

A marginalização e a exclusão social fazem com que os sujeitos incluídos nesse processo afastem-se tanto espacialmente (ambiente físico) quanto no âmbito das relações interativas, por não se enquadrarem no círculo das relações dos grupos de prestígio. No caso das populações periféricas, mais especificamente da comunidade dos *rappers*, há uma mudança de comportamento, principalmente no modo de se vestirem e no linguajar adotado. Guimarães (s/d) realça que os *rappers* e os jovens de periferia sentem a necessidade de cantarem, demonstrando, na apresentação destas canções, a desigualdade em que vivem, utilizando, para este fim, aspectos que vão desde a indumentária com estilo peculiar até, por vezes, **as reações agressivas para com o restante da sociedade** (grifo meu). Isso tudo ocorre porque, para essa população, a noção de pátria unificada não existe, não havendo projetos que incluam, efetivamente, esses jovens na sociedade. Logo, eles buscam a sua identidade própria, sentindo que pertencem a um grupo único

(GUIMARÃES, S/D, p.6) dentro de um grupo maior: o grupo dos marginalizados e excluídos.

A respeito do registro linguístico dessa comunidade, Preti (2010) aborda o conceito de signo de grupo, que abarca, além da linguagem, fatores como o modo de vestir e os aspectos físicos. Segundo o autor, esse sistema de signo de grupo favorece a autoafirmação do sujeito, formando sua identidade e incluindo-o em um grupo próprio, conferindo a ele uma satisfação de pertencimento a um grupo próprio (PRETI, 2010, p.161), sendo que, no caso da linguagem própria, o registro linguístico funciona como modo defensivo do grupo e ferramenta de inclusão social (PRETI, 2010, p. 163).

O *rap*, vertente da cultura *hip hop*, sofre discriminação basicamente por dois fatores: o primeiro é que essa cultura é proveniente de uma classe social menos favorecida e subalterna; o segundo é que o teor das produções que essa cultura propaga é de cunho denunciativo. Portanto, essa cultura configura-se como sendo marginal. De acordo com Roso e col. (s/d), há exclusão de grupos sociais devido a sua cultura, **aqui entendida como aquela originária das populações marginais** (grifo meu) e, além disso, há formação de estereótipos, pois a maioria dominante não se interessa em abrir espaço em sociedade para esse tipo de cultura, não havendo um espaço significativo para sua inserção no âmbito social.

Percebe-se, portanto, que os processos de marginalização e exclusão social estão intrinsecamente ligados a questões econômicas, sociais e culturais.

Há de se considerar o aspecto étnico do grupo social de periferia e da comunidade dos *rappers*: em sua grande maioria são negros e pobres, um grupo alvo de discriminações e altamente estigmatizado.

A realidade dos jovens negros e pobres no Brasil, reiterada por Pinho (s/d), é marcada por violência e preconceito, apesar de essa realidade não apresentar fator segregacionista tão visível quanto nos EUA (que, no entanto, na história recente consolidou um sistema forte de integração desses sujeitos em sociedade, diferentemente do Brasil).

A música produzida pela cultura do *rap* apresenta engajamento político social. Em relação à produção musical, Pinho (s/d) afirma que a constituição musical pretende a formação de identidades. Nos estudos realizados por Pinho (s/d) em

relação aos Racionais Mc's¹, são demonstradas evidências de que as músicas produzidas pelo grupo carregam em seu bojo um discurso crítico, no qual seus membros apresentam experiências engajadas no ambiente sociocultural do qual fazem parte (PINHO, s/d, p.81). Esse padrão é visível em mais músicas desse estilo, como a que será analisada ao longo desta monografia, mais especificamente no capítulo quatro, e em outras produções musicais, como mostra o trecho da música do grupo Racionais Mc's, "Expresso da meia-noite":

“(...) Nas curvas da Nova Galvão, uma favela
 Que testemunha toda hora algum coitado
 Igual aquele que no meio foi rasgado
 Metralhado, vários tiros de automática
 Pros covardes é a forma que é mais prática
 Eliminar e deixar pra trás
 Uma mancha de sangue que não apaga nunca mais.
 Famílias destroçadas pela maldade
 Criança sem pai vai ser o que mais tarde?
 A vida não é um conto de fadas
 (Não), principalmente na calada (na quebrada)
 Onde a gente vê, registra várias fitas
 O que o ser humano é capaz você não acredita
 (Só quem é de lá... Sabe o que acontece).”

Nesse trecho, percebe-se que o enunciador do texto tem autoridade ao tratar do assunto proposto porque ele, além do conhecimento de mundo que tem em relação às questões sociais, está inserido no contexto social reiterado pelo trecho “(Só quem é de lá... Sabe o que acontece)”. Há uma denúncia social acerca do ambiente da periferia no qual o enunciador está enquadrado, o que torna seu discurso (assim como o discurso de tantos outros *rappers* engajados política e socialmente) taxativo em relação aos problemas vividos pelos moradores da periferia.

¹ O Racionais Mc's é um grupo de *rap* brasileiro composto por Mano Brow, Ice Blue e Edi Rock, e as temáticas de suas músicas giram em torno da pobreza, crime, preconceito racial e social, drogas e consciência política.

Os textos e os discursos marginais abrangem características peculiares que os diferenciam de outros textos e discursos. De acordo com o artigo intitulado “Literatura marginal” (s/a, s/d), a literatura marginal, assim como toda forma de cultura marginalizada, por ser fabricada por subalternos, não é legitimada pela sociedade, pois não se enquadra nos padrões da alta cultura pertencente à maioria. Logo, toda obra e autor que não se enquadrem nesses padrões, não vinculados à arte erudita, são, assim, denominados marginais.

Um dos fatores desqualificantes da literatura marginal é a falta de técnica na produção dos textos, como, por exemplo, o desrespeito às normas sintáticas, a simplicidade do emprego vocabular e a coloquialidade (S/A, S/D, p.3). O artigo cita Victor Vich (2001), que analisa o sujeito como produtor da cultura de rua, a aproximação entre oralidade e escrita, a linguagem da arte marginal, o saber legitimado e o saber das ruas e as estratégias dessa arte para sobreviver ao poder. No artigo (s/a, s/d) ainda é afirmado que, mais do que com questões poéticas e técnicas, a literatura marginal preocupa-se em transmitir uma mensagem aos sujeitos através de seus textos.

1.2 O RAP, A SOCIEDADE BRASILEIRA E A DENÚNCIA SOCIAL

Segundo Wallerstein (1994), citado por Guimarães (s/d), a cultura configura-se no cenário de pós Segunda Guerra Mundial como o grande campo de batalha mundial, no qual existe o multiculturalismo segmentado de acordo com raças, religiões e gêneros. Um desses segmentos culturais que passaram a existir foi o *hip hop* e sua corrente, o *rap*, e ambos buscam retratar a vida dos jovens de periferia, que são, em sua maioria, negros e pobres (GUIMARÃES, s/d, p.2).

O *hip hop* é mais difundido em países como os EUA e nações de território europeu, sendo um estilo que, apesar de sua proveniência marginal, é mais valorizado e reconhecido nos países desenvolvidos. Já o *rap* é mais disseminado no Brasil e nos demais países da América do Sul, e não tem visibilidade positiva pela maioria dos sujeitos. Isso pode ter uma explicação: o *hip hop* norte americano, por exemplo, é associado à ostentação, que inclui a posse de muito dinheiro, luxo, poder e mulheres deslumbrantes. Basta assistir a um clip de alguma música no estilo *hip hop* para se constatar alguns pontos: os integrantes do grupo vestem-se com roupas da última moda, no estilo em que se enquadram; ostentam joias como cordões de

prata e ouro, assim como vários anéis. Além disso, encontram-se em lugares luxuosos, como hotéis caros, iates, jatos particulares e festas, e estão, na grande maioria dos casos, com duas ou três mulheres belas.

Já no caso do *rap* brasileiro, seus integrantes não ostentam riquezas nem poder: são sujeitos que, apesar de serem compositores musicais, por vezes, nacionalmente renomados, na maioria dos casos, residem em favelas, convivendo com as mazelas presentes nesse ambiente. Em razão disso, são avaliados pela maioria dominante como marginais e bandidos, justificando-se, assim, o estereótipo negativo.

De acordo com Guimarães (s/d), a música popular brasileira sempre manteve laços estreitos com o morro, até pelo fato de grande parte dos músicos terem origem nesse local. Entretanto, o estilo musical *rap* não tem tanta notoriedade como o samba, por exemplo, que também teve sua gênese nos morros. Pode-se inferir que a explicação para isso esteja no conteúdo das letras e na caracterização de seus integrantes.

A diferença primordial, segundo Guimarães (s/d), entre a MPB e o *rap* é que este último utiliza o discurso em primeira pessoa em suas letras, sendo o próprio cantor parte do conteúdo de suas composições: ele canta e retrata o que vive e observa em sua comunidade. Tanto no *hip hop* quanto no *rap*, o dizer, o falar, o expressar-se de forma engajada politicamente, sendo os *rappers* os representantes e a voz dos excluídos, são características indispensáveis ao movimento (GUIMARÃES, s/d, p.5). Suas produções necessitam de apresentar cunho político e caráter pedagógico em se tratando, principalmente, da população das periferias, objetivando a denúncia social e a criação de resistência à situação precária dessas populações (ASSIS, 2010, p.201).

A grande barreira na disseminação dessa cultura são as mídias de massa controladas pela maioria dominante. Canclini (2002) percebe os meios de comunicação como formas de reprodução da ordem social. Apesar de exporem denúncias e formas de manifestações, os meios de comunicação objetivam manter a ordem vigente, mesmo porque estão intrinsecamente ligados a estruturas políticas e socioeconômicas. Tudo o que é veiculado pela mídia é legitimado (ou não) pelos sujeitos (CANCLINI, 2002, p.50), e essa realidade dialoga diretamente com as instituições político-econômicas e sociais. Logo, é visível que a mídia, apesar da sua

dita transparência e liberdade de expressão, vai suprimir, mesmo que em parte, matérias e conteúdos que possam ferir a ordem social.

As mídias de massa, apesar de ofertarem o estilo musical *rap*, tendem a censurar os conteúdos veiculados nas músicas com a alegação de que, por vezes, são incitadoras da violência e fazem apologia ao crime. Entretanto, no bojo da maioria das letras, percebe-se uma ideologia contra-hegemônica, que busca a conscientização dos grupos subalternos, esclarecendo o porquê e os responsáveis pela precariedade das populações periféricas (ASSIS, 2010, p.202). As mídias de massa agem com cautela ao expor a cultura do rap, pois além de rotularem esse gênero como transgressor da ordem social imposta pela maioria, algumas músicas fazem denúncias às próprias mídias, classificando seus conteúdos como formas de alienação (ASSIS, 2010, p.204).

É comum, no grupo dos *rappers*, a necessidade de se apoiar e desenvolver raízes profundas sobre o que se fala, ser engajado politicamente em suas produções (ASSIS, 2010, p.205). A música que fabricam não representa a obra de um sujeito apenas, mas a obra de todo um grupo social unido em uma denúncia verídica que incomoda a classe dominante. Segundo Assis (2010), esse incômodo da classe dominante, juntamente com a condição sociocultural dos participantes desse movimento cultural, faz com que os *rappers* não recebam destaque nos meios de comunicação por questões de conveniência da maioria. Ou seja, tudo o que fere a posição confortável em que a parcela social dominante se encontra e que faça com que a população adquira criticidade social para produzir discursos contra-hegemônicos é rotulado como subversivo, logo, ganhará pouca ou nenhuma notoriedade.

Contudo, os *rappers* continuam divulgando seu trabalho através de “redes e conexões próprias e, em muitos aspectos, até mais eficientes” (CANCLINI, 2007, citado por ASSIS, 2010, p.207). De acordo com Assis (2010), isso se dá devido à falta de censura, criando mercado e público maiores não tão fáceis de exclusão. Apesar disso, a maioria dominante está sempre buscando massificar a cultura através da mídia, **criando um padrão a ser seguido** (grifo meu), sendo que, quando há um grupo que age de forma diferente do padrão desta maioria, é ridicularizado (DOMS e MOSCOVICI, 1991, citados por ROSO e col., s/d, p.78).

Por fim, essa cultura, apesar dos obstáculos, continua produzindo, e almeja a conscientização e a formação crítica, principalmente dos jovens de periferia, sobre as condições em que vivem as populações de periferia.

2 DEFINIÇÕES DE IDEOLOGIA

A ideologia foi o recorte escolhido na área da Análise do Discurso Crítica para a análise do objeto de pesquisa desse trabalho: o texto da música “Bomba H”, do grupo Face da Morte. Para tanto, faz-se necessário ressaltar, neste capítulo, as definições de ideologia por parte de três teóricos, a saber: Fairclough, Thompson e Bakhtin.

2.1 FAIRCLOUGH E A MUDANÇA SOCIAL

Fairclough (2001) conceitua que ideologias são significações reais materializadas pelas práticas discursivas. Ou seja, cada grupo social terá crenças, valores, atitudes que, em seu meio, terão caráter significativo, por exemplo, sobre o que é certo e errado. Esse sistema de valores, entendido como ideologia, será externado pelas práticas discursivas através de textos (orais, escritos e outras semioses).

Os sujeitos constituem e são constituídos pelos discursos carregados de ideologia, que configuram as relações de poder presentes na sociedade. Logo, a ideologia tem caráter negativo. A linguagem que exterioriza o discurso e, conseqüentemente, materializa a ideologia, não é a linguagem individual (fala), e sim a linguagem social, uma espécie de contrato, constituída na interação entre os sujeitos.

A base teórica utilizada por Fairclough estrutura-se a partir de três assertivas. Em primeiro lugar, a ideologia materializa-se nas práticas das instituições sociais, configurando o discurso como materialização ideológica. Em segundo lugar, a ideologia intima os sujeitos a participarem de um processo de construção e reconstrução da própria ideologia. Isso implica dizer que o sujeito é capaz de construir e reconstruir ideologias. Apesar de ser “contaminado” por ideologias, ele é capaz de ser um sujeito ativo nesse sistema, e não apenas assujeitado. Isso poderá levar a quebras de paradigmas e, conseqüentemente, a mudanças sociais. E, em terceiro lugar, os aparelhos ideológicos de estado são locais de classes, o que leva a lutas discursivas mediadas pela ideologia (FAIRCLOUGH, 2001, p.116).

Em se tratando de mudança discursiva, Fairclough (2001) afirma que essa mudança deixa traços nos textos de seus produtores e, à medida que ela vai

tomando lugar no espaço sociodiscursivo em que está inserida, ela se estabelece nos contextos, tornando-se uma nova convenção emergente percebida pelos sujeitos. Logo, os sujeitos, apoderando-se dessa nova convenção posta pela mudança discursiva em suas interações sociais, produzirão novas hegemonias discursivas, havendo uma mudança na estrutura discursiva que pode atingir grupos específicos ou uma sociedade inteira (FAIRCLOUGH, 2001, p.128). A partir desse processo, é possível ocorrer mudanças sociais.

2.2 THOMPSON E A ASSIMETRIA

Para Thompson (1984, 1990), citado por Fairclough (2001), a linguagem e as formas simbólicas têm carga ideológica e, inseridas em contextos específicos, mediam as relações de dominação. As formas simbólicas, transmitidas aos sujeitos pelos meios de comunicação, interagem com as culturas dos grupos sociais, desenvolvendo representações e agindo, diretamente, na forma de relacionamento entre os sujeitos (ROSO e col., s/d, p.76). Thompson (1995), citado por Roso e col.(s/d), cita cinco características básicas das formas simbólicas: intenção, convenção, estrutura, referência e contexto.

Nessa concepção, portanto, Costa (s/d, p. 144) afirma que, para Thompson (1995) “ideologia é sentido a serviço do poder”, tendo como mecanismos de propagação a linguagem e as formas simbólicas. O estudo de Thompson (1995), citado por Costa (s/d), pauta-se, portanto, no modo como esses mecanismos instauram a ideologia e como mantêm as relações de poder. Devido a isso, Thompson (1995), citado por Costa (s/d), dispensa importância especial aos meios de comunicação social em que são vinculadas simbologias que veiculam a ideologia para as massas. Esse aparato ideológico (a mídia) é o mais eficaz na disseminação de ideologias.

Para Thompson (2002a), citado por Ramalho e Resende (2011), a ideologia configura em um conceito negativo, estabelecendo lutas de poder como forma de assegurar a hegemonia de um grupo social sobre outro, estabelecendo, assim, relações assimétricas de poder entre os grupos, ou seja, o poder está nas mãos de poucos, não é dividido igualmente. Como citam Ramalho e Resende (2011, p.26) tendo por base o conceito de Thompson (2002a) sobre ideologia, “os sentidos veiculados em textos são classificados como ideológicos apenas se servem à

universalização de interesses particulares projetados para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Segundo Ramalho e Resende (2011), em relação à assimetria de Thompson, uma das possíveis ações para superar as relações assimétricas de poder seria o desnudamento das ideologias **mantidas pela classe dominante, configurando, assim, em uma virada hegemônica** (grifo meu).

A seguir segue um quadro com os cinco modos gerais de operação da ideologia sugeridos por Thompson (2002a).

QUADRO 1
MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA

MODOS GERAIS DE OPERAÇÃO DA IDEOLOGIA	ESTRATÉGIAS TÍPICAS DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA
LEGITIMAÇÃO Relações de dominação são representadas como legítimas	RACIONALIZAÇÃO (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)
DISSIMULAÇÃO Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	DESLOCAMENTO (deslocamento textual de termos e expressões)
	EUFEMIZAÇÃO (valorização positiva de instituições, ações ou relações)
	TROPO (sinédoque, metonímia, metáfora)
UNIFICAÇÃO Construção simbólica de identidade coletiva	PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado)
	SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)
FRAGMENTAÇÃO Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)
	EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)
REIFICAÇÃO Retratação de uma situação transitória como permanente e natural	NATURALIZAÇÃO (criação social de história tratada como acontecimento natural)
	ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)
	NOMINALIZAÇÃO/PASSIVAÇÃO (concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações)

Fonte: Ramalho e Resende, 2011, p. 27-28

2.3 BAKHTIN E O DIALOGISMO

Bakhtin (1979), segundo Miotello (2012), considera a ideologia uma entidade que é construída dialeticamente na interação entre os sujeitos, não sendo um produto final, estático, tampouco presente na consciência individual, como pregava Marx. Para Bakhtin (1979), citado por Miotello (2012), a ideologia constrói o pensamento de cada indivíduo, ou seja, a parte cognitiva que abrange todo o conhecimento social dos sujeitos é formada por ideologias já fabricadas do contexto social em que está inserido.

Para tanto, Bakhtin (1979), citado por Miotello (2012), destaca tanto a ideologia oficial, que tem maior dominância (sendo enraizada profundamente nas relações sociais), quanto a ideologia cotidiana (estruturada nas relações diárias, mais ou menos flexíveis). Ou seja, apesar de existir uma ideologia dominante, os sujeitos são passíveis de construção e reconstrução de ideologias na interação. É através das ideologias estabelecidas no cotidiano a partir da interação entre os indivíduos que se torna possível tanto construir novas ideologias, ditas dominantes, como reconstruir essas ideologias já fixadas na memória social dos sujeitos.

Para Bakhtin (2009), a ideologia está atrelada aos signos, sendo impossível sua existência sem o componente de signos. Ele afirma que os signos tomam configuração e fazem sentido apenas no terreno da interação coletiva, onde o grupo faça parte de um corpo organizado, com convenções, crenças e valores para que o signo tenha significado. Dentre todos os signos presentes em sociedade, a palavra, a linguagem, é o signo que representa, por primazia, o fenômeno ideológico (BAKHTIN, 2009, p.36)

Bakhtin (2009, p.45) reitera que “as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.” Isso implica dizer que toda ideologia é condicionada às bases materiais de uma época. Quando o grupo social sofre modificações em alguma de suas formas (organização, estrutura), há uma mudança nos signos e, conseqüentemente, nas ideologias. Além disso, o signo é valorativo em maior ou menor escala, dependendo do valor social que adquiriu (BAKHTIN, 2009, p.46).

O sujeito também é refratado no signo ideológico, determinado pelas lutas de classes (BAKHTIN, 2009, p. 47). Apesar de o signo ser de natureza dialética, a classe dominante tende a considerá-lo monovalente, sendo as representações da

maioria dominante postas como intangíveis. Com isso, ela procura escamotear as lutas de classes travadas em sociedade (BAKHTIN, 2009, p.48). Logo, segundo Bakhtin (1979), citado por Miotello (2012), o signo linguístico sempre expressa valores e ideias de classes sociais.

Logo, Bakhtin (1979), citado por Miotello (2012), percebe a ideologia como uma concepção já interiorizada pelos sujeitos, tendo uma forma mais ou menos sólida, mas que é construída e reconstruída nas interações sociais cotidianas. Ele prevê a ideologia nas relações de dominação entre classes sociais, com a utilização do signo linguístico para estabelecer relações de poder. Geralmente, esse é um recurso muito utilizado pela classe dominante: o uso do signo para fins de dominação das classes subalternas, enquanto a classe subalterna utiliza o signo para formar discursos contra-hegemônicos. Esse processo acarreta lutas de classe.

Portanto, ideologia é um sistema materializado pelas práticas discursivas e que, apesar de ser passível de construção e reconstrução pelos sujeitos através das interações sociais, instaura um aspecto predominantemente negativo, pois a propagação ideológica que rege a ordem social vigente encontra-se em poder da classe dominante, que detém a hegemonia e sempre procura abafar as lutas de classes, tornando a sua ideologia o padrão a ser seguido. Apesar disso, a classe subalterna é capaz de produzir discursos e ideologias contra-hegemônicos que, apesar de não derrubarem a ideologia dominante, incomodam a maioria dominante. É com base na corrente teórica dos autores aqui citados que se desenvolve a análise desse trabalho.

3 METODOLOGIA

3.1 A ESCOLHA DA ÁREA DE ESTUDO

Ao ingressar no curso de Letras Português do UniCEUB, a ideia de se investigar alguma questão de Língua Portuguesa no texto da música Bomba H já existia. No decorrer do curso, o contato com um professor que ministrava a disciplina de Linguística Aplicada, mais especificamente a Análise do Discurso Crítica (ADC), corroborou e incentivou mais ainda a realização de um trabalho no campo da ADC.

Nos diálogos com esse professor, foi-se descobrindo, por parte da presente pesquisadora, um interesse por essa área, que aumentava cada vez mais à medida que o curso chegava ao seu término. Logo percebeu-se que poderia associar a ADC ao texto que a pesquisadora pretendia analisar, tornando este o objeto de análise do estudo a ser realizado.

A partir de então, após a constatação de que a disciplina de Análise do Discurso (AD) apenas seria ministrada no sexto semestre, foram iniciados os estudos (a partir do terceiro semestre) por curiosidade nesse campo. Algum tempo depois ocorreu, na Universidade de Brasília (UnB), o lançamento de uma revista acadêmica intitulada “Discursos contemporâneos” na qual estavam compilados artigos científicos realizados no tocante ao estudo do discurso; logo, o campo de estudo em que estavam inseridos esses artigos era o da ADC.

A pesquisadora esteve no lançamento dessa revista a convite do professor aqui já citado. Nesse evento, um dos pontos discutidos pela ADC e que foi observado no teor dos artigos e nos diálogos dos estudiosos e dos especialistas presentes no momento, chamou a atenção: a ideologia presente nos textos e as relações de poder que ela estabelece. Nesse momento, a conexão entre o texto para a realização do trabalho e área da ADC foi efetuada: estudar aspectos ideológicos nesse texto, levando-se em conta seu teor e sua esfera social poderia render um bom estudo.

Contudo, com a saída do professor do colegiado de Letras pareceu, por um momento, que a realização do trabalho não aconteceria ou, ao menos, não sairia conforme se esperava, haja vista que ele era o único com quem se travavam conversas acadêmicas sobre o assunto, podendo ser um orientador em potencial. Esse acontecimento gerou uma insegurança, acarretando a realização de um projeto

de pesquisa na área do ensino da leitura, no quinto semestre, na disciplina de Metodologia do Projeto. Deixaram-se as ideias e o desejo de se realizar uma análise textual à luz da ADC em segundo plano, não por falta de interesse, mas por insegurança.

O projeto sobre ensino de leitura estava concluído no final do quinto semestre, com a certeza de que, a partir dele, o trabalho de monografia iria desenvolver-se. No entanto, o sexto semestre iniciou-se e consigo a disciplina de Análise do Discurso.

No decorrer do semestre, e nos estudos agora sistematizados e mais aprofundados sobre o assunto, a insegurança antes instaurada foi se dissipando, e a vontade de realizar o projeto antes almejado voltou. Isso levou à maior concentração e empenho na disciplina e, também, às conversas com o novo professor da disciplina do discurso.

Na metade do semestre, com um pouco mais de conhecimento na área e mais afinidade com o professor, foi proposta a ele a realização de um projeto de pesquisa na área da ADC. Foi explicada toda a situação do semestre anterior, da existência do projeto já realizado e do desejo de mudança de um projeto para outro, o qual era de maior interesse da pesquisadora. O texto e as ideias iniciais sobre o projeto foram explicitadas e o professor, prontamente, incentivou a reformulação do projeto.

Da metade do sexto semestre até meados de seu final, vivenciou-se uma “corrida contra o tempo” na feitura do projeto, pois este deveria ser entregue à coordenação do curso antes de o semestre acabar. Contudo, nada disso foi empecilho na realização do trabalho e tampouco gerou angústia, pois esse era o projeto desejado já há alguns semestres.

As discussões acadêmicas com o professor de AD intensificaram-se e novas ideias para o trabalho foram surgindo, até que, no sétimo semestre, ele foi escolhido para orientar o presente trabalho.

3.2 A ESCOLHA DO TEMA

Como já foi mencionado, o ponto que mais chamou atenção no campo de estudo eleito para a realização da análise do texto foi a ideologia.

Faz-se imperativo, mais do que nunca, nos tempos atuais em que a profusão de ideologias patrocinadas pelas mídias de massa (controladas pela maioria dominante) e reiterada pelos aparelhos ideológicos com o intuito de atingir os sujeitos a fim de manter a ordem social imposta, que se estude sobre a ideologia presente nos textos, assim como se evidencie sua operação em sociedade. Para tanto, a ADC realiza análises textuais de cunho científico e caráter interdisciplinar, propondo uma abordagem crítica da linguagem como prática social, dialogando com a ciência social crítica, que busca suporte para discutir e evidenciar, cientificamente, problemas sociais relacionados ao poder como forma de controle (RAMALHO & RESENDE, 2011, p.12).

Devido a ADC ser um campo amplo de estudo, foi feita a escolha de um recorte específico para esse trabalho: a ideologia. Para tanto, foram selecionados três teóricos os quais trazem, cada um, conceitos de ideologia. São eles Fairclough com a mudança social; Thompson e a assimetria; e Bakhtin e o dialogismo, que já foram apresentados no capítulo anterior.

Em termos gerais, segundo Ramalho e Resende (2011), que se baseiam em Thompson e Fairclough, a ideologia apresenta caráter predominante negativo e hegemônico, sendo os textos ideológicos aqueles que carregam em si marcas universalizantes de interesses particulares e de sustentação de relações de poder. Esse será o ponto em ADC discutido aqui: a ideologia presente no texto.

Em se tratando da escolha do texto, sempre foi um desejo da pesquisadora estudar algum assunto utilizando o texto Bomba H como objeto de estudo, por ter um caráter discursivo revelador dos problemas sociais brasileiros e ser um texto de fácil compreensão, que circula entre a população predominantemente marginalizada.

3.3A ESCOLHA DO TEXTO (MÚSICA)

O contato com o texto se deu há alguns anos e sempre chamaram a atenção alguns elementos nele contidos, como: a disposição de fatos históricos e políticos da sociedade brasileira agregados aos problemas sociais da época em que o texto foi produzido (e que perduram até os dias atuais); por se tratar de um *rap*, a letra associada à melodia, que é incisiva e marcante, faz com que o ouvinte atente-se mais ao texto; a denúncia social embutida no texto; a seriedade transmitida e o espanto do interlocutor ao ler/ouvir e processar a mensagem e perceber que os

sujeitos estão em estado de passividade e inércia em relação a essa mensagem. É um texto denunciativo: denuncia as mazelas sofridas pela população brasileira, principalmente a população marginal, e evidencia os culpados por toda essa situação. Isso exemplifica o que Ramalho e Resende (2011) reiteram: a linguagem é um mecanismo tanto capaz de estabelecer e fazer a manutenção do poder quanto de contestá-lo e refutá-lo.

Outro ponto que causou interesse em estudar esse texto foi o fato de ser um texto de cunho popular e de fácil compreensão linguístico-gramatical pelas massas. É um texto funcional, prático, que condiz mais com a realidade dos sujeitos do que textos eruditos.

A escolha do estilo musical (o texto é uma letra de *rap*) foi meramente um acaso, pois o que chama a atenção é a letra, o texto. É um estilo musical que apresenta, na maioria de suas produções, um caráter de denúncia social em suas mensagens muito forte, o que não é observado de uma forma tão marcante em outros estilos. Isso porque os próprios produtores fazem parte de suas composições, relatando, muitas vezes, suas próprias vidas e dificuldades vividas em sociedade devido às suas condições de vida e a questões raciais.

O intuito aqui não é favorecer ou exaltar um segmento sócio-cultural, mas sim utilizar o texto produzido nesse meio para analisar, pelo viés da ADC, problemas sociais comuns a todos os sujeitos da sociedade brasileira.

3.4 ESTRUTURA DE ANÁLISE

O presente trabalho é embasado pela pesquisa teórica em ADC associada a análise de um texto tendo por finalidade verificar uma realidade social, configurando-se, assim, em uma pesquisa empírica. O método de pesquisa é qualitativo, sendo os dados obtidos (no caso os trechos presentes na letra da música), analisados e interpretados de acordo com as teorias propostas e a análise da pesquisadora.

Também serão utilizadas teorias de cunho social acerca do ambiente marginalizado.

A análise dos trechos consistirá dos seguintes pontos:

- A análise feita pela pesquisadora sobre os trechos, levando-se em conta conhecimento de mundo e inferências sobre os discursos que o texto transmite (análise triangular: os três teóricos e a pesquisadora).

- Análise ideológica do conteúdo textual referente ao contexto e ao co-texto: contexto sociocultural, contexto da realidade brasileira e aspectos lexicais, linguísticos que reforçam o(s) discurso(s) ideológico(s) no texto.

Logo após, haverá uma seção em que se discutirá a importância dos estudos ideológicos na educação básica, como forma de instrumentalizar os indivíduos de consciência crítica a fim de formar cidadãos conscientes das relações de poder presentes na sociedade através de textos.

4 ANÁLISE E EVIDÊNCIAS DE TRAÇOS IDEOLÓGICOS NO TEXTO BOMBA H

A análise do texto será efetuada a partir da triangulação de dados, ou seja, a partir dos teóricos aqui utilizados associados à análise da pesquisadora. Os traços ideológicos serão evidenciados tanto a partir do discurso permeador do texto (contexto) quanto de itens lexicais e gramaticais (co-texto). As subseções corresponderão aos trechos da música analisada.

4.1 BOMBA H

Bomba de hidrogênio, mais conhecida como bomba H, é um aparato bélico que possui grande poder destrutivo. Foi a responsável pela devastação das cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, no fim da Segunda Guerra mundial.

O grupo utiliza o item lexical “Bomba H” como título da música para informar ao leitor, ou ao ouvinte, que a mensagem retratada na letra é composta de revelações, denúncias e verdades “bombásticas” com relação à sociedade. Ou seja, a música trará inquietação e é possível que se “destruam” alguns conceitos sobre aspectos sociais cristalizados na mente dos sujeitos pelo poder dominante, o que dialoga com a teoria da mudança social de Fairclough (2001) patrocinada por mudança discursiva, isto é, é possível que essa produção atinja os atores sociais de um modo que seja legitimada e convencionada, provocando mudanças discursivas e sociais através reprodução desse objeto pelos sujeitos.

Em relação à escolha do léxico, utilizado pelo grupo no título da música, percebe-se a questão do signo linguístico de Bakhtin (1979), citado por Miotello (2012): a escolha do signo linguístico é importante nas relações sociais, pois expressa valores e significados que auxiliarão grupos sociais a manterem ou refutarem ideologias. No caso do item lexical escolhido pelo grupo como título de sua música, o signo linguístico foi eleito com a finalidade de causar impacto, não sendo uma palavra ao acaso, mas que contém todo um significado relacionado com os interesses do grupo, que, nesse caso, é fazer uma denúncia social.

4.2 O RAP É FODA E NÃO É MODA

“Só ideia forte aqui é Face da Morte, que chegou pra ficar não veio pra rebolar, na batida que apavora o rap é foda e não é moda, foda-se quem se incomoda, revolução no ar. Minha rima é bomba H difícil de segurar.”

O nome do grupo que compôs essa letra é Face da Morte, o que já causa certo incômodo em quem lê ou escuta essa expressão. Novamente, tem-se o signo linguístico de Bakhtin (2009) e sua carga significativa. Essa expressão faz referência ao outro lado, face, da sociedade que as pessoas ignoram, geralmente por comodidade. Essa outra faceta social reúne problemas sociais sofridos pelas minorias, principalmente aqueles que vivem nas periferias em condições precárias. É veiculado, no trecho, que o *rap* é um estilo incomodativo, não estando seus seguidores preocupados com a estética e com a padronização musical: não é moda!

Em se tratando do caráter incomodativo do estilo musical e do objetivo da cultura do *rap*, Assis (2010) reitera que o *rap*, em sua essência, apresenta engajamento político e fator pedagógico. Logo, os integrantes do grupo estão preocupados em abrir os olhos da sociedade, retratando com criticidade o que muitos preferem ignorar: a pobreza, a miséria das populações periféricas. Já a questão do incômodo diz respeito, principalmente, à classe dominante, que procura escamotear essa cultura por considerá-la transgressora da ordem vigente (ASSIS, 2010, p.204). Também se pode considerar a mudança social a partir de eventos discursivos citados por Fairclough (2001): o conteúdo da letra analisada tem caráter de discurso contra-hegemônico (frisado pela expressão “revolução no ar”) com singularidades textuais (o vocabulário é o mais marcante), consolidado por convenções próprias (estabelecidas pelos integrantes e participantes da cultura do *rap*) e reconhecido socialmente, principalmente no espaço sociodiscursivo em que essa produção circula. Esses fatores podem levar a uma virada hegemônica, imputando novos discursos hegemônicos no âmbito social, o que pode acarretar mudança social. O próprio grupo, com a expressão “aqui é Face da Morte, que chegou pra ficar, não veio pra rebolar”, reitera a questão da tentativa de virada hegemônica, ou seja, o grupo veio com um objetivo e não abrirá mão dele.

Novamente, percebe-se a questão do signo linguístico, o léxico “bomba H”, relacionado à rima do *rapper*. O que ele retrata em sua música é uma verdade para

o grupo, e a verdade não é possível de ser ocultada por muito tempo e, quando vem à tona, causa grande destruição. Aqui, vê-se outro ponto da base teórica de Fairclough (2001) sobre ideologia: ela convoca os indivíduos a construir e reconstruir ideologias o tempo todo. No caso da música analisada, o grupo deseja transmitir uma mensagem para desconstruir a ideologia imposta pela classe dominante aos sujeitos sobre uma sociedade que finge não ver os problemas sociais.

4.3 TÔ FORA DESSE ESQUEMA

“Eu cheguei pra somar, trocar uma ideia de irmão. Aí, sangue bom, a coisa aqui não é fácil não. Cheirar cola, fumar crack, dar um tiro ou tomar baque. Encher a cara de cachaça ou assistir o Sai de Baixo. É melhor pensar um pouco e ver em qual droga eu me encaixo. Eu acho que nenhuma vale a pena, tô fora desse esquema.”

Nesse trecho, o grupo dialoga com o interlocutor, revelando que não veio impor nenhuma ideia (embora esse texto não seja desprovido de ideologia), mas sim efetuar uma troca de ideias. Quando aparece no trecho “a coisa aqui não é fácil não”, o dêitico “aqui” faz referência à periferia. Isso explicita o que Guimarães (s/d) aponta como discurso em primeira pessoa presente no *rap* em geral: o *rapper* se enquadra em suas composições, pois faz parte ativamente da realidade cantada em sua música. Logo após esse trecho, há uma descrição das mazelas que atingem com mais força a população marginal (“cheirar cola, fumar crack, dar um tiro ou tomar baque, encher a cara de cachaça”). Aqui se podem elencar alguns modos gerais de operação da ideologia feitos por Thompson (2002a), citado por Ramalho e Resende (2011), que legitimam a ideologia como entidade eminentemente negativa.

No caso do trecho que especifica as mazelas sociais sofridas, principalmente, por populações periféricas, Thompson (2002a), citado por Ramalho e Resende (2011), menciona o modo de unificação, tendo nele inseridas as estratégias de padronização e simbolização. Na análise textual, podem-se perceber essas estratégias no seguinte quesito: a classe dominante, responsável pelas operações ideológicas, tende a padronizar grupos sociais de acordo com referenciais específicos (o pobre, o negro, por exemplo) e associar a eles simbologias de identificação. Portanto, a população periférica é caracterizada como

subalterna e carrega estigmas e símbolos tais como: o de marginais (bandidos), o de drogados, o de mal educados.

Nota-se um ponto que chama a atenção no trecho: “assistir o Sai de Baixo”. Estaria, aí, uma crítica implícita aos programas de TV patrocinados, nesse caso, pela emissora de TV Rede Globo, de caráter alienador, que tem por objetivo desviar os sujeitos dos seus problemas e possíveis de soluções. É devido a essa denúncia que as mídias de massa são cautelosas ao expor músicas e outras produções da cultura do *rap*, pois muitas dessas produções fazem denúncia às próprias mídias (ASSIS, 2010, p. 204). Dessa forma, a ordem estabelecida pela maioria dominante é mantida.

Em relação às drogas alucinógenas e à droga oferecida pela mídia (alienação), o grupo é categórico e reitera que se envolver com qualquer uma delas não vale à pena: tanto uma quanto a outra faz com que o sujeito perca a noção da realidade, mantendo-o em estado letárgico físico e/ou social.

Thompson (1995), citado por Costa (s/d), dispense importância especial às mídias, pois elas são eficazes na disseminação de ideologias, tendo como principais mecanismos de propagação a linguagem e os símbolos que estão a serviço do poder detido pela maioria. Ela instaura e mantém seu poder, evitando que discursos contra-hegemônicos ganhem espaço considerável nas mídias de massa.

4.4 *É VIDA DE GADO*

“Eu quero ir pra bem distante, espere um instante, acho que eu vou pra beira mar pegar um táxi pra estação lunar. Quem sabe de lá eu consiga ver, entender melhor esse mundo imundo. Como disse Zé Ramalho, é vida de gado, baralho marcado.”

Aqui, o grupo cita o cantor Zé Ramalho, famoso por compor letras que sugerem a loucura e o surreal. Têm-se, portanto, dois tipos de intertextualidade nesse ponto: uma implícita e outra explícita. A implícita diz respeito à primeira alusão da música de Zé Ramalho, mas o grupo não explicita a fonte dessa (KOCH e ELIAS,

2010, p. 92). Já na segunda citação, de outra música do cantor, há referência ao compositor dela.

De acordo com Koch e Elias (2010), a intertextualidade acontece quando há ocorrência de um texto já fabricado, que está presente na memória coletiva, em outro. Associa-se a isso a questão da interdiscursividade, sendo, para Maingueneau (2005), citado por Melo (2009), todo discurso contaminado por outro discurso já existente.

No *rap*, a intertextualidade constitui uma estratégia, pois seus integrantes inserem textos já presentes na memória social dos sujeitos em suas letras para reforçarem a crítica social presente nelas.

A intertextualidade utilizada pelo grupo na letra sugere que, apenas assim, em estado de loucura, seria, talvez, possível entender o mundo no qual haja tanta desigualdade, corrupção e pessoas que, diante desses problemas, permanecem em estado de passividade. Essa passividade é fruto de uma classe dominante que tende a tornar signo ideológico em uma entidade “una”, massificada, ocultando, assim, a luta de classes e os índices sociais valorativos, segundo Bakhtin (2009).

Em um dos trechos de uma das músicas de Zé Ramalho, o grupo agrega a expressão “baralho marcado”. Novamente, os modos de operação ideológica de Thompson (2002a), citado por Ramalho e Resende (2011), explicam essa passagem, no tocante ao modo de reificação, mais pontualmente à estratégia de eternalização. A classe dominante procura retratar situações temporárias como permanentes e naturais, socialmente falando, a fim de se evitarem levantes das classes subalternas através de discursos contra-hegemônicos que possam levar a uma mudança ideológica e, conseqüentemente, a uma mudança social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128). A eternalização tende a tratar como permanentes os fenômenos sócio-históricos. No caso da expressão “baralho marcado”, evidencia-se uma espécie de “predestinação social” em se tratando do enquadramento dos sujeitos nas classes e nos grupos sociais: quem nasce na classe dominante será dominante, e quem nasce na classe subalterna, fatalmente, será marginal.

4.5 *NÃO ENTENDO ESSE JOGO*

“Não entendo esse jogo, tá me fazendo de bobo, vê se pode no Congresso, mudar a Lei em benefício da Ford. Enquanto o povo é humilhado, passa fome e só se fode.”

Essa música foi lançada no ano 2000, denunciando, entre outros pontos, aspectos políticos que ocorriam nesse momento. É o que o grupo rememora nesse trecho, com o caso Ford: foi criada uma medida provisória pelo governo Fernando Henrique Cardoso que estabelecia mais vantagens para a empresa Ford se instalar na Bahia, em vez de sua instalação no Rio Grande do Sul, o que era previsto de início. Os partidos de oposição foram contrários, pois acreditavam que o Erário estava sendo desviado para o setor privado. De acordo com a assertiva de Assis (2010), encontra-se, nesse trecho, o objetivo da mensagem presente na letra: conscientizar grupos subalternos sobre as condições em que vivem e explicitar o porquê disso e seus respectivos responsáveis. Enquanto o dinheiro público, que tem de ser revertido para a manutenção da sociedade, está sendo desviado, a população pobre fica em condições cada vez mais precárias, e a elite enriquece cada vez mais.

4.6 *GARANTIA DE PÃO*

“Doze manos armados executaram um bem bolado, atitude e sorte, na fita do carro forte, que rendeu quase um milhão, garantia de pão. Um mano me disse que 157 é o que resta, nada mais interessa, lhe é negada a educação, um processo de exclusão que deixa marcas.”

Nesse trecho, o grupo explicita um ponto que sempre gera discussões na sociedade. O sujeito que é marginalizado perceberá que apenas conseguirá suprir suas necessidades a partir da filiação com o crime e com o roubo; haja vista que este sujeito está em um processo de exclusão social em que os direitos mais básicos (saúde e educação, por exemplo), quando não lhe são negados, são de péssima qualidade. Escorel (s/d) afirma que um dos motivos da exclusão social é a defasagem econômica dos sujeitos. Isso leva à marginalização dos sujeitos, e

estando estes em condições de miséria extrema, tendem a encontrar alternativas ilícitas para suprir certos aspectos, como a fome e a falta de moradia, por exemplo.

Zioni (2006), citado por Escorel (s/d), ressalta que a exclusão social refere-se à participação menos efetiva na sociedade (não à exclusão total), que é estabelecida por parâmetros ditados pela classe dominante através de ideologias por ela instauradas, que configuram em relações de poder (FAIRCLOUGH, 2011, p. 117). Isso gera relações assimétricas cujo poder está de posse da classe dominante (THOMPSON, 1995, citado por ROSO e col., s/d). De certa forma, o grupo tenta “justificar” os crimes praticados por alguns sujeitos de classes subalternas devido à falta de assistência do governo.

Ora, a maioria dominante não volta os olhos para a população subalterna e fragilizada, e até mesmo impede que esses sujeitos tenham acesso aos meios de produção e consumo de bens. Esse processo de exclusão tende a formar esses em criminosos aos olhos da sociedade, haja vista que o novo processo de exclusão, discutido por Pozzo e Furini (2010), no capítulo um, abarca questões não apenas econômicas, mas também de cunho social, tais como a proveniência dos sujeitos e a precariedade das populações. A classe dominante é responsável por sustentar essa imagem das populações periféricas, que ficam estigmatizadas por toda a vida, afetando suas relações sociais.

4.7 MAIS DE 15 MILHÕES QUE NÃO SABEM O BÊ-A-BÁ

“O *rap* retrata na levada, na caixa, no bumbo, baixo, marcando compasso, chimbal, na luta contra o mal, minha rima é letal, também sou racional, mas tem o lado animal, no país do carnaval, onde o clima é tropical. Tudo aqui é uma delícia, mas confira as estatísticas, calcule as proporções. Com mais de quinze anos, mais de quinze milhões que não sabem o bê-a-bá, desse jeito não dá, onde essa porra vai parar”.

É reiterado, mais uma vez, implicitamente, que a música do grupo está interessada em retratar a realidade da população menos favorecida brasileira. Para tanto, o grupo lança mão da ironia, fazendo um paralelo entre as belezas do Brasil e a precariedade da população. Em se tratando de ironia, segundo Brait (2008, p. 73):

a ironia pode ser enfrentada como um discurso que, por meio de mecanismos dialógicos, se oferece basicamente como argumentação direta e indireta estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias, e de normas institucionais, como instauração da polêmica, ou mesmo como estratégia defensiva.

No caso do trecho em questão, a ironia é utilizada para instaurar a polêmica. Nesse fragmento, percebe-se também o que retrata Bakhtin (2009) em relação ao poder da palavra: ela constitui mecanismo essencial na criação ideológica, pois se configura como elemento primordial das relações e das interações humanas. A ideologia é construída através de signos convencionados coletivamente nas interações, tendo mais ou menos poder valorativo, a depender do valor social que adquiriu.

O grupo utiliza a palavra com estratégias (ironia), para pregar um discurso que vai de encontro ao discurso dominante de que os problemas sociais estão controlados. Os *rappers* procuram estabelecer uma ideologia que possa suplantar a que já está instaurada, a fim de provocar mudanças discursivas e sociais (FAIRCLOUGH, 2001, p. 128).

Novamente, há alusão à letalidade da rima do grupo: através da música, de uma forma geral, o sujeito capta percepções e mensagens mais eficaz e eficientemente do que se estivesse, por exemplo, lendo um texto expositivo, pois a música está relacionada a emoções. Com o *rap* não é diferente, havendo, ainda, fatores mais contributivos para a assimilação dessas percepções como, por exemplo, o ritmo forte e marcado, a entonação de voz do cantor, e o diálogo travado diretamente com o interlocutor.

Apesar de o discurso presente na letra analisada ser forte e verídico, a ideologia nele embutida afetará de forma mais forte os sujeitos que estão inseridos no espaço sócio-discursivo dessa produção, ou seja, os sujeitos marginalizados, pois constituem e são constituídos pelos discursos que os rondam (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117), de acordo com o contexto em que vivem.

É exposto na letra o estereótipo do Brasil: o país tropical, o país do carnaval. Ao se falar de Brasil, essa é a imagem que vem na mente dos sujeitos. Contudo, o grupo revela que essa imagem formada no consciente das pessoas é um fator que escamoteia a realidade brasileira, no caso é citado o analfabetismo, seguido da indignação do grupo. Essa ocultação dos problemas sociais brasileiros pela exuberância geográfica, juntamente com a beleza proporcionada pelo carnaval, é

encorajada pela elite dominante nos meios de comunicação de massa por ela controlados, que não querem focalizar nessas problemáticas por pura questão de conveniência. Isso se enquadra na estratégia de nominalização/passivação do modo de operação ideológica de reificação postulado por Thompson (2002a), citado por Ramalho e Resende (2011), ou seja, há concentração da atenção em certos aspectos em detrimento de outros, ocultando-se atores e ações. Lembrando que a mídia de massa constitui um aparelho ideológico de Estado em que, segundo Fairclough (2001), ocorre luta de classes mediadas pela ideologia.

Apesar de a classe dominante controlar as mídias de massa, evitando expor conteúdos que firam a ordem vigente, pois a mídia está ligada a estruturas socioeconômicas e políticas, segundo Canclini (2002), os grupos culturais marginais, como o *rap*, buscam divulgar seu trabalho através de conexões próprias, como as rádios piratas, evitando, assim, a censura (CANCLINI, 2007, citado por ASSIS, 2010) e sendo mais eficientes.

4.8 DOUTORADO EM CINISMO

“Juscelino Kubistchek, há quem conteste, levou o governo do Brasil pra Brasília. Seguindo nessa trilha, FHC é bem pior, um sociólogo vendido, entrega nosso governo aos Estados Unidos, serviçal do imperialismo, doutorado em cinismo.”

A cidade de Brasília, construída para ser a nova capital federal, foi idealizada para ser um exemplo de eficiência urbana e social, exercendo uma vida pautada na modernidade, no otimismo e na integração harmoniosa entre todas as classes sociais. Entretanto, a cidade sofreu um inchaço desordenado, abarcando muito mais habitantes do que poderia comportar, gerando, assim, o afastamento das classes sociais menos favorecidas para as margens da cidade (hoje denominadas cidades satélites) e promovendo o centro (Plano Piloto) como o local da elite brasiliense, bem como os residentes da área do Lago Paranoá.

Em se tratando do contexto histórico anteriormente descrito e relacionando com o trecho da música em questão, o grupo pode estar querendo transmitir a seguinte mensagem: por que a mudança da capital federal de uma cidade toda estruturada, como o Rio de Janeiro, em termos populacionais e econômicos, para uma cidade que existia, até então, apenas no “papel”? A construção da nova capital

iria dispender gastos homéricos e, com certeza – seus projetadores sabiam disso – o ideal sonhado para Brasília não vingaria.

É plausível inferir-se que os governantes já sabiam dos problemas que ocorreriam ao construir Brasília, inaugurando-a ainda inacabada. Por que essa pressa? São perguntas perfeitamente cabíveis. Com a passagem “seguindo nessa trilha FHC é bem pior, um sociólogo vendido”, o grupo reforça a ideia de que o único motivo para o advento de Brasília não seria a ânsia de criar uma cidade para o benefício sócio-político dos cidadãos, pautado em bases utópicas, e sim seria uma questão política, de manter o poder, de materializar o poder em uma cidade de cunho político, para maximizar o domínio dos governantes.

O grupo ainda tacha o ex-presidente FHC de “sociólogo vendido”, alegando que ele entregou o governo brasileiro aos Estados Unidos da América. Uma das ações desse presidente que embasa essa alegação do grupo é a modificação que ele autorizou na lei das patentes, cedendo aos Estados Unidos o direito de patentear produtos e ervas medicinais, comprometendo o avanço científico brasileiro.

Outro fator que chama a atenção no trecho é como o grupo define FHC: doutor em cinismo. Os *rappers* utilizam essa metáfora para ironizar FHC e reiterar que ele é um sujeito por demais cínico (o léxico “doutorado” representa esse cinismo em alto grau) em se tratando de questões políticas. FHC é graduado em sociologia e tem o título, por duas faculdades portuguesas, de doutor *honoris causa* (não é doutor de fato, mas obteve destaque em algumas áreas).

4.9 NEGÓCIO DA CHINA

“Um tal de FMI é quem dá as cartas por aqui, tem concentração de renda, latifúndio, fazenda, piscina. Na favela tem chacina, no Congresso descobriram: coisa boa é cocaína pra fazer negócio da china.”

Percebe-se que, no decorrer de toda a letra da música, até agora, os integrantes do grupo vêm tratando de questões problemáticas em relação à sociedade brasileira, utilizando uma linguagem coloquial e, por vezes, irônica. Essa linguagem própria da cultura do *rap* reitera o que o artigo Literatura marginal, utilizado no capítulo um, expõe: mais do que a poesia e questões técnicas e estilísticas, a literatura marginal e o *rap* preocupam-se em expressar uma

mensagem de cunho denunciativo, como é evidenciado, mais uma vez, nesse trecho.

Há menção ao Fundo Monetário Internacional (FMI), que, no governo FHC, adquiriu parte da Administração Pública Federal em decorrência de dívidas brasileiras.

Um ponto interessante é a referência feita em relação ao tráfico de drogas patrocinado pelos governantes, que envolvem sujeitos provenientes das periferias. Quando algum esquema é desmascarado e o chefe (governante) não é pego, quem é preso é o traficante “menor”, da periferia, que está a seu serviço. Aqui há o discurso contra-hegemônico do grupo em relação ao estereótipo de o traficante ser oriundo das favelas. Segundo os modos de operação ideológica de Thompson (2002a), citado por Ramalho e Resende (2011), a classe dominante busca simbolizar os sujeitos e expurgar a classe marginal que, no caso em questão, é o traficante de periferia. Ou seja, o tráfico de drogas atinge todas as classes sociais, mas a maioria dominante preserva essa imagem apenas às populações periféricas.

A expressão idiomática “negócio da China” significa um negócio imperdível, muito lucrativo, com dispêndio de pouca energia. Logo, essa expressão aplica-se bem aos negócios escusos praticados pelos governantes: eles apenas entram com ordens e dinheiro, e o traficante da periferia encarrega-se do resto do trabalho.

4.10 *DESIGUALDADE SOCIAL: A ORIGEM DE TODO MAL*

“Agora olhe do seu lado um cara de carro importado, com ar condicionado, anda de vidro fechado, no sinal é abordado, se pá assassinado, por quê? Tente você responder, elite tem de entender, desigualdade social a origem de todo mal”.

Nesse trecho percebe-se o “ápice” da mensagem veiculada na letra da música: a desigualdade social é a grande geradora de todo o problema, tanto do ato de a elite ignorar as mazelas sociais, como da violência causada por alguns sujeitos das populações periféricas. Vê-se, nesse trecho, a nova exclusão mencionada por Pozzo e Furini (2010), o aspecto da violência também gera exclusão, fazendo com que os sujeitos se retraiam e afastem aqueles estigmatizados por ela. O grupo envia

uma mensagem diretamente para a elite, que tem de compreender que a ocorrência da desigualdade social gera malefícios para ambas as partes. E a elite tem condições de reverter, ou ao menos, minimizar esse quadro, pois ela é a detentora do poder.

4.11 *O MINISTRO JOSÉ SERRA É UM BOM AGENTE FUNERÁRIO*

“Vou mandar um comunicado à direção do Playcenter, que tem muito concorrente de olho na patente das noites do terror, tipo onde eu levo meu avô, tem morto no corredor. Nos hospitais da rede pública há choro e muita súplica, mas falta remédio, leito, médico e respeito. Ninguém dá um jeito, o investimento na saúde é pouco e precário, o ministro José Serra é um bom agente funerário.”

Nesse trecho, outro ponto problemático na sociedade brasileira é evidenciado: a saúde pública.

O grupo alude ao Playcenter, um parque de diversões com proporções dos grandes parques dos Estados Unidos, situado em São Paulo. Utilizam a ironia para expressar que os hospitais da rede pública estão de olho na patente do Playcenter, já que a saúde e os hospitais são palcos de uma grande “palhaçada”, ou motivo de diversão, já que ninguém toma providências para modificar essa situação. A expressão “noites do terror” faz menção a situação dos hospitais da rede pública, onde a situação torna-se mais deplorável à noite devido a todo o ar de melancolia, tornando o ambiente hospitalar mais sombrio. Na época de lançamento da música, José Serra era o Ministro da Saúde, o que explica a metáfora utilizada pelo grupo.

4.12 O QUE DEUS PEGAR É DELE, O QUE CAIR NO CHÃO É MEU

“Porém, não concordei com o que vi, coitados sendo explorados até o último centavo. Eu acho muito esquisito comprar favores do céu, sacrificando seu dinheiro na fogueira de Israel. Vou explicar, agora veja, você faz um depósito na conta da Igreja, o comprovante vai para o fogo, e o dinheiro vai para o bolso, de Deus, é claro. Pra que fique mais claro, é tipo assim, a regra dessa firma: joga o dinheiro pra cima, o que deus pegar é dele, o que cair no chão é meu, entendeu? É a vida, tudo bem, cheguei à conclusão que fé demais não cheira bem.”

Esse trecho evidencia mais uma instituição social que, por sua ideologia, embasada na fé, reúne sujeitos que se utilizam da fé para subjugar e extorquir a população: a Igreja.

Muitas vezes, a elite dispõe dinheiro para a Igreja como forma de aceitação da sociedade elitista. A Igreja é configurada, aí, como uma sociedade, existindo regras para dela fazer parte. Já os pobres, cegos pela fé e pelo discurso religioso que promete a salvação de suas almas, entregam o pouco que tem para não sofrerem com a “ira de Deus”.

Percebe-se o que Bakhtin (1979), citado por Miotello (2012), discorre a respeito das ideologias já serem concepções interiorizadas pelos sujeitos. Os sujeitos tem contato com o discurso religioso muito cedo, tomando-o como uma regra a ser seguida. Devido à população periférica ser mais fragilizada, por vezes, entregam-se aos ditames dos guias religiosos que, em muitos casos, agem de má fé, aproveitando-se da condição dos sujeitos.

Todavia, é evidente, na música, que o grupo alerta sobre esse perigo: para que a comunidade, principalmente periférica, não se deixe iludir devido à fé cega. Eles comparam a Igreja a uma firma, um âmbito de negócios em que há depósitos de dinheiro, porém, não há garantias.

4.13 ANÕES QUE MANIPULAM A NAÇÃO

“Cada vez mais dispostos nos empurram impostos, confortáveis em seus postos ganham um puta dinheirão. Eles são os anões que apertam botões e manipulam a Nação por meio da televisão. Com a retórica e a república, fazem na vida pública o que fazem na privada: um monte de bosta que não serve *pra nada*.”

Nesse trecho, o grupo faz um apanhado do que a elite (inclusos nela os governantes) faz em favor da sociedade brasileira: nada. A elite é composta, na visão deles, por políticos “endinheirados”, instâncias sociais, como a religião e a mídia, todos manipulados pela maioria dominante, que visa manter a ordem social vigente e conveniente para seus interesses. A esse respeito, cita-se o que Canclini (2002) reitera sobre a mídia: tudo o que nela é veiculado, é legitimado ou não pelos indivíduos. Por isso, é importante, para a maioria, defender seus interesses e veicular na mídia apenas aquilo que não a atrapalhe. A classe dominante, muitas vezes, consegue lograr êxito nesse jogo de manipulação, pois a mídia é o aparelho ideológico mais eficaz na disseminação de ideologias (THOMPSON, 1995, citado por COSTA, s/d).

A expressão “anões que apertam botões” diz respeito à lei do menor esforço, ou seja, os manipuladores se escondem atrás do sistema, e apenas fazem o trabalho menos cansativo, por exemplo, assinar papéis e dar ordens.

Aqueles que não têm poder e voz de expressão, acabam ficando “encantados” com a forma de vida da elite patrocinada pela mídia, e entram, conseqüentemente, em estado de alienação da realidade que os circunda.

4.14 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do texto à luz da ADC e das teorias sociais aqui empregadas revela que o objetivo do grupo foi realizar uma crítica à sociedade brasileira, e eles alcançaram esse objetivo com êxito. Claro que, para os efeitos discursivos-ideológicos desse texto serem efetivos em relação aos sujeitos que a ele tiverem acesso, é necessário que estes tenham um conhecimento de mundo, mais especificamente o conhecimento da realidade brasileira (tanto social como política), que abranja as questões nesse texto discutidas. Além disso, os sujeitos necessitam

ter criticidade ao ler/ouvir essa produção, pois é um texto que apresenta um discurso contra-hegemônico forte, não apenas criticando a sociedade dominada pela maioria elitista, mas argumentando que as ações dessa sociedade estão levando a sociedade brasileira, como um todo, para uma situação cada vez mais precária, em que os sujeitos mais fragilizados (população marginal) estão em situações cada vez piores, embora constituam a maioria (agora falando-se em termos numéricos) dos habitantes do Brasil.

São nos textos marginalizados em que se encontram, mais claramente, questões sociais que fazem parte do cotidiano dos sujeitos, evidenciando-se as ideologias que compõem o tecido social, seguidas de denúncias e discursos contra-hegemônicos a fim de se evidenciar realidades e despertar a criticidade nos sujeitos.

5 ESTUDO DA IDEOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A falta de inserção de estudos ideológicos na educação básica é uma das causadoras do impedimento do desenvolvimento de criticidade nos sujeitos, haja vista que é nesse ciclo que o sujeito adquire valores importantes e há o refinamento de aspectos individuais, como valores e caráter, que o levará a ser um cidadão crítico ou não.

O estudo da ideologia na educação básica constitui fator importante para a formação de sujeitos críticos e de cidadãos conscientes da sociedade em que estão inseridos, bem como a consciência dos problemas que a atingem, o porquê desses problemas, os seus principais responsáveis e as atitudes a serem tomadas para a melhoria de todo o corpo social. É indiscutível que o aprimoramento da consciência crítica dos sujeitos necessita de ser um processo contínuo, mas é nos primeiros anos que estes constroem o conhecimento mais básico, tanto no que diz respeito a conteúdos quanto a culturas e valores. Assim, os saberes partilhados são necessários para a formação do caráter, tornando-os cidadãos mais críticos.

O estudo da ideologia não precisa configurar em uma disciplina autônoma, mas ser apresentado aos sujeitos diluído nos textos estudados, não sendo, então, apenas papel do professor de Língua Portuguesa evidenciar essa questão, mas de professores de outras disciplinas também. Isso se justifica pelo fato de a ideologia estar presente no mundo e, por consequência, nos textos que circulam pelo mundo todo. Contudo, como o ensino da linguagem é tarefa primeira do professor de Língua Portuguesa, este carece de chamar para si uma responsabilidade maior em se tratando de destacar aos alunos questões ideológicas presentes nos textos, e como a linguagem (em termos lexicais, gramaticais, semânticos etc.) reforçam-nas.

É importante realçar que não se encontrou referencial teórico que abordasse sobre o ensino da ideologia nas aulas de Língua Portuguesa, o que reforça ainda mais a necessidade de estudos e produções acadêmicas que abranjam essa questão.

5.1 PROFESSOR COMO MEDIADOR

Segundo Bulgraen (s/d), o professor, mais que mero reprodutor do conhecimento, deve ser o mediador deste, ensinando seus alunos a pensar criticamente e não apenas receber o conhecimento de forma passiva. Isso significa dizer que os sujeitos não estão mais em uma posição em que tudo o que o professor fala é verdade absoluta, tornando-se, assim, o espaço de sala de aula, um ambiente em que é permitido questionar, discordar ou não.

Apesar de haver uma hierarquia estabelecida no espaço discursivo de sala de aula definida pela ideologia do ambiente escolar, as novas formas de práticas pedagógicas têm sugerido que, devido a essa diferenciação, tanto hierárquica em termos do espaço escolar como hierárquica no sentido de desnivelamento do conhecimento, é que professor e alunos tornam-se sujeitos que aprendem e ensinam simultaneamente, sendo sujeitos ativos na relação do conhecimento (FONTANA, 2000, citado por BULGRAEN, s/d, p.32). Com efeito, essa relação desbanca o ensino tradicionalista de alguns anos atrás, em que aquilo que o professor ditava era lei, não sendo permitido, aos alunos, a exposição opiniões nem questionamentos.

Ainda segundo Bulgraen (s/d), é preciso considerar características sócio-culturais dos alunos, bem como seu contexto social, a fim de transformar o ambiente escolar em um local mais convidativo e mais próximo de suas demandas cotidianas, em que o indivíduo sintá-se à vontade e estimulado para construir novos conhecimentos. É essencial constatar a diversidade sócio-cultural dos indivíduos em sala de aula para que o aprendizado aconteça da forma mais eficaz possível. É importante a sociabilização dos integrantes e as trocas de experiências, e a escola é o local mais propício para essa prática social. Assim, além de conhecimentos relativos a conteúdos, os sujeitos fazem a troca de crenças e valores, o que permite a eles entrarem em contato com ideologias diversas.

Em se tratando do ensino e da aprendizagem, é papel do professor ensinar conhecimentos legados da humanidade, haja vista que esses conhecimentos são fundamentais para que os indivíduos alcancem sucesso tanto profissional quanto pessoal. Entrementes, é necessário que haja associação entre esses conhecimentos

com a realidade vivida pelos alunos, havendo formas pedagógicas de ensino em que os alunos possam assimilar e reconhecer a funcionalidade e a importância desses conhecimentos (ou, ao menos, de sua maioria) em suas práticas sociais. Como reitera Libâneo (2008, p. 88),

o trabalho docente é a atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem², pelo processo de transmissão assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo.

O professor é um dos responsáveis por transmitir valores aos sujeitos, tendo em vista que o estereótipo formado em torno de sua figura é de um agregador e transmissor de conhecimentos e, muitas vezes, é visto como um agente acima dos outros sujeitos, principalmente por parte dos alunos.

Em se tratando do professor de Língua Portuguesa, é essencial que este tenha o domínio de assuntos sócio-culturais para mediar discussões em sala de aula a respeito de assuntos relativos a textos e seus conteúdos. Não basta apenas ensinar a gramática tradicional e a literatura, sem associar isso a textos que fazem parte do repertório social dos alunos. Mesmo em um texto erudito, é possível se achar questões pertinentes a um debate em sala, que sejam atuais. Além disso, é importante que o educador levante pontos nos textos analisados em sala de aula sobre a provável finalidade do autor ao se posicionar de determinada maneira e as associações decorrentes desse posicionamento. Inseridas essas discussões em sala de aula, o professor estará trabalhando aspectos ideológicos, pois irão surgir, apesar de um ponto comum ideológico (massificado pela maioria dominante), vários pontos de vista e opiniões por parte dos alunos. O professor deve mediar essas discussões, favorecendo a discussão sob os diversos olhares lançados a determinado tema, para que, por si mesmos, os educandos construam um arcabouço ideológico que, apesar de ser contaminado por outras ideologias, seja, de certa forma, próprio do sujeito.

Em sociedade, comunica-se através de textos que, segundo Goldstein & col. (2009, p. 11), configuram em “toda produção linguística, oral ou escrita, que

² Embora o autor empregue essa construção, discorda-se, parcialmente, desse binômio em razão de ensino e aprendizagem demandarem processos cognitivos distintos; apesar de se almejar, em um ensino eficiente, que essa relação esteja o mais próximo possível.

apresenta sentido completo e unidade”, sendo “produto concreto da interação entre co-enunciadores sócio-historicamente situados” (COX, s/d, p.1). Logo, é papel do professor de Língua Portuguesa mediar a interação entre texto e sujeitos, evidenciando, juntamente com os alunos, aspectos não apenas linguísticos, mas sociais, culturais e ideológicos presentes nos textos, a fim de formar leitores e indivíduos críticos. Segundo Vieira (2003, p.265),

o professor de Língua Portuguesa deve saber que papel desempenhar nas situações de aprendizagem em que a língua ensinada é concebida como agente de mudanças sociais. Necessita compreender inicialmente a sua prática discursiva particular, para depois atuar no contexto das práticas da língua, as quais vêm carregadas de componentes culturais, pragmáticos, ideológicos e políticos.

5.2 DESCONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER: INÍCIO EM SALA DE AULA

Segundo Souza e Leão (2008), o ambiente escolar reproduz e fortalece a ideologia dominante e seus estereótipos, pois sendo um sistema estruturado da sociedade, logo, **um aparelho ideológico de estado** (grifo meu), sofre suas determinações e exigências, sendo o discurso pedagógico atrelado ao discurso ideológico. Mesmo com a dita liberdade cedida aos alunos para serem agentes ativos na construção do conhecimento, há ainda um discurso pedagógico muito forte em termos de quem detém o poder em sala de aula.

Na pesquisa de Cano e Carreira (s/d) sobre os conflitos entre os grupos de alunos e os grupos de professores, os enunciados de alguns estudantes entrevistados comprovou que o docente é tido como autoridade máxima dentro de sala de aula, sendo que os alunos devem obedecer rigorosamente às regras impostas por ele. Também foi percebido que a escola é vista pelos alunos como um lugar repressor, o qual são obrigados a frequentar, pois, caso contrário, serão punidos pelos familiares e pela sociedade, haja vista que não obterão sucesso profissional.

Observam-se mudanças na forma de lecionar e lidar com os alunos por parte dos professores, mas ainda existe uma grande maioria que insiste em um ensino tradicionalista que dita a ordem imposta pela classe dominante através da ideologia desta. Até mesmo certas práticas pedagógicas elaboradas por professores que visam à mudança da forma de ensino e à otimização da aprendizagem são,

muitas vezes, rechaçadas pela escola, que exige um ensino mais voltado para o tradicionalismo. Urge a necessidade de haver uma mudança ideológica nas bases da escola em se tratando do próprio ambiente escolar, ou seja, as relações de poder existentes entre os atores desse ambiente. É apenas a partir daí que poderá haver mudanças na forma de lecionar dos professores.

Esse é um dos pontos que necessita ser refletido no ensino da escola como um todo: apesar de configurar-se como um aparelho ideológico de estado que reproduz a ideologia dos dominantes, é preciso que a escola abra espaço para novas formas de ensino e aprendizagem que possibilitem aos alunos, além do conhecimento propiciado pelas disciplinas, o conhecimento de mundo sobre a sociedade. Isso repercutirá na formação da identidade dos sujeitos, bem como na formação do caráter.

Outro ponto a ser observado é o papel do professor diante dos alunos. Ele é um mediador, e como tal deve oferecer aos alunos meios e condições na busca e na construção do conhecimento, não sendo, assim, sua palavra a derradeira. Sobre isso, Machado e Mortimer (2001, p.109), citados por Rocha (s/d), afirmam que

ainda que um papel da escola seja o de estabelecer conceitos mais cientificamente apropriados, esse pode ser um processo dialogado. Processo onde as concepções prévias do estudante e sua cultura cotidiana não têm que, necessariamente, serem substituídas pela concepção da cultura científica.

Segundo Rocha (s/d), que se pauta na teoria dialógica de Bakhtin (2006), a interação entre os sujeitos é importante no âmbito de sala de aula, e, quando o professor não estabelece essa relação com os alunos, o processo dialógico perde-se, não havendo construção do conhecimento. Isso também se aplica aos textos utilizados em sala: quando um texto não dialoga com outros textos (trabalhados em sala e/ou do círculo cognitivo dos alunos), ele perde sua função.

Logo, é importante que o professor cumpra seu papel de mediador por completo no ambiente escolar, tanto em questões pedagógicas quanto em sua postura perante os sujeitos, colaborando para que os estudantes construam o conhecimento, sendo agentes ativos no processo de ensino aprendizagem. Também é fundamental que o educador se valha do conhecimento de mundo que o aluno traz

para a sala de aula, pois, com isso, o educador terá a dimensão do conteúdo intelectual aprendido pelos sujeitos, o que facilitará na produção de instrumentos pedagógicos efetivos, abrindo, também, espaço para debates que proporcionem discussões ideológicas.

PROSPECTIVAS

A ideologia é uma entidade presente em sociedade e manifestada através de textos e outras semioses, construindo e reconstruindo, a todo o momento, os esquemas mentais dos sujeitos, o que é refletido em seus comportamentos. Apesar de a ideologia ser um sistema majoritariamente negativo utilizado pela maioria dominante da sociedade, que estabelece lutas de poder entre classes, há o discurso contra-hegemônico proferido pelas minorias sociais, que pode levar a uma mudança sócio-discursiva. Isso depende da criticidade dos sujeitos refratada nas ações em sociedade.

A linguagem, sendo o meio mais eficaz e eficiente, por excelência, de propagação da ideologia, merece atenção maior por parte dos sujeitos, a fim de eles identificarem as finalidades que o texto e seus autores pretendem alcançar em termos sociais. Essa identificação é possível nas relações cotidianas e nas interações entre os sujeitos, porém, o senso crítico é construído e sistematizado, prioritariamente, na instituição escolar.

Portanto, é papel dos professores mediar as discussões ideológicas em sala de aula, mudando, também, o espaço discursivo em sala de aula, dando voz ao aluno. É papel principalmente do professor de Língua Portuguesa guiar o aluno na percepção de aspectos ideológicos no texto, interpretando os dados e visualizando esses aspectos em sociedade. Para tanto, é necessário um estudo textual que agregue estudos gramaticais associados ao estudo contextual, considerando-se aspectos sócio-políticos dos textos, já que todos estes desempenham uma função social, tendo uma finalidade, e são consumidos de acordo com o conceito de sociedade que cada indivíduo tem.

É fundamental que o professor insira em seus estudos textos que façam parte do contexto dos sujeitos, não utilizando apenas textos legados pela humanidade. Os educadores têm de perceber que outros textos, considerados, muitas vezes, produções sem conteúdos, subversivos ou não contributivos na formação cultural dos sujeitos, podem ser uma fonte valiosa, tanto em termos gramaticais quanto em termos do estudo da sociedade, da ideologia, da intencionalidade textual. O ponto principal não é a preferência de um grupo de

textos a outros, mas evidenciar que, tanto em textos tradicionais quanto em textos ditos marginalizados, é possível realizar-se um estudo frutífero.

A análise do texto Bomba H realizada nesse trabalho evidenciou isso: é um texto marginalizado, rejeitado, muitas vezes, pelos professores, por tratar-se de um texto com conteúdo subversivo e com vocabulário inadequado. Contudo, é preciso que o professor selecione o texto para séries adequadas. Por exemplo, o texto citado é perfeitamente possível de ser trabalhado no ensino médio, em que os sujeitos já apresentam discernimento sobre as questões sociais, porém necessitam agregar criticidade refinada tanto sobre aspectos do conhecimento escolar quanto da sociedade em que estão inseridos. Para tal, o professor deve mediar o conhecimento da melhor forma possível, construindo o conhecimento junto com os alunos, estimulando-os a serem cidadãos críticos e indagadores que, apesar de serem contaminados pelas ideologias vigentes impostas pela maioria dominante, podem questioná-las e, até mesmo, efetuar discursos contra-hegemônicos, levando, possivelmente, a uma mudança social.

Portanto, os aspectos ideológicos no texto analisado nessa monografia dizem respeito à sociedade brasileira como um todo; apesar de explicitar como a ideologia imposta pela maioria dominante, afeta, mais diretamente, as populações periféricas, tornando a situação dessas populações cada vez mais precária. São discutidos, no texto, pontos como a saúde pública, a política corrupta, as mídias de massa como forma de controle da maioria sobre as minorias, estereótipos formados em torno do Brasil, o poder nas mãos de poucos, a pobreza. Os efeitos discursivos provocados pela mensagem veiculada nessa produção textual irão depender da criticidade dos sujeitos que a lerem e do processamento que operarem sobre as questões nela discutidas.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M.; TEIXEIRA, M.F. O interacionismo sóciodiscursivo- orientação para a teoria dos gêneros. Disponível em: < <http://www.faccar.com.br/> > Acessado em: 04/10/2013
- ASSIS, M.S. As redes do rap: (des.) construindo caminhos para a liberdade de expressão. Língua, Literatura e Ensino, Outubro/ 2010- vol. V.
- BAKHTIN, M.M. Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In:_____ (Org.) Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 31- 40
- _____. A relação entre infra- estrutura e as superestruturas. In:_____ (Org.) Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 40- 48
- BRAIT, B. O procedimento irônico driblando etiquetas. In:_____ (Org.) Ironia em perspectiva polifônica. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 72-73
- BULGRAEN, V.C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. Disponível em: < <http://cmapspublic3.ihmc.us/> > Acessado em : 27/10/2013
- CANCLINI, N.G. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. Opinião Pública, Campinas, vol. VIII, nº 1, 2002, p. 50- 51. Disponível em: < <http://www.scielo.br/> > Acessado em: 10/09/2013.
- CANO, M.R.O.; CARREIRA, R.A.R. Uma abordagem ideológica do discurso em sala de aula. Disponível em: < <http://www.gel.org.br/> > Acessado em: 27/10/2013
- COX, M.I. Os tempos do texto em sala de aula. Disponível em: < <https://www.google.com.br/> > Acessado em: 27/10/2013
- SCOREL, S. Exclusão social. Disponível em: < [www.epsjv.fiocruz.br/ dicionário/ verbetes/ excor.html](http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/excor.html)> Acessado em: 04/09/2013
- FACE DA MORTE. Bomba H. Disponível em: <www.vagalume.com.br> Acessado em: 21/08/2013.
- FAIRCLOUGH, N. Ideologia. In: _____. (Org.) Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 116- 122
- _____. Mudança discursiva. In_____. (Org.) Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 126- 131
- GUIMARÃES, M.E.A. Rap: a periferia em primeira pessoa. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Disponível em: <<https://www.google.com.br/> > Acessado em: 10/09/2013.
- GOLDSTEIN, N.; LOUZADA, M.S.; IVAMOTO, R. Linguagem, texto, gêneros textuais. In: _____ (Org.) O texto sem mistério: Leitura e escrita na universidade. São Paulo: Ática, 2009. p. 11- 18

KOCH, I.V.; ELIAS, V.M. Texto e intertextualidade. In: _____ (Org.) Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2010. p. 75- 86

LIBÂNEO, J.C. Características da aprendizagem. In: _____(Org.) Didática. São Paulo: Cortez, 2008. p. 86- 88.

Literatura marginal. Disponível em: < br.geocities.com> Acessado em: 04/ 09/ 2013

MELO, I.F. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. Ano 5, nº. 11, 2009. p. 3

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. Bakhtin: conceitos- chave. São Paulo: Contexto, 2012. p. 167 -177.

PINHO, O.A. “Voz ativa”: rap- notas para leitura de um discurso contra- hegemônico. Disponível em: < www.revistas.ufg.br/ > Acessado em: 04/10/2013

POZZO, C.F.D.; FURINI, L.A. O conceito de exclusão social e sua discussão. Geografia em atos (online), vol. 1, nº 10, 2010. Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/> > Acessado em: 04/10/2013

PRETI, D. Inclusão e exclusão social pela linguagem: a gíria de grupo. In: BENTES, A.C.; LEITE, M.Q. Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 159- 167.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica: resgatando noções preliminares. In: _____ (Org.) Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 11- 30.

ROCHA, A.A.N. Ideologia e dialogismo: o que de Bakhtin cabe na sala de aula? Disponível em: < <http://www.letras.ufscar.br/> > Acessado em: 27/10/2013

ROSO, A.; STREY, M.N.; GUARESCHI, P. e BUENO, S.M.N. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. Disponível em: < <http://www.academia.edu/> > Acessado em: 05/08/2013

SOUZA, F.C.; LEÃO, A.M.C. Entre o discurso pedagógico e ideológico na escola: estereótipos de classe, raça e gênero. Disponível em: < <http://www.fazendogenero.ufsc.br> > Acessado em: 27/10/2013

THOMPSON, J.B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. Resenha de: COSTA, A. F. Disponível em < ser.bce.unb.br> Acessado em: 21/06/2013

VIEIRA, J.A.; SILVA, D.E.G. Práticas sociais de letramento e ensino crítico em Língua Portuguesa. In: VIEIRA, J.A. Práticas de Análise do Discurso. Brasília: Plano Editora, 2003. p. 251- 266

LETRAS.TERRA (site). Expresso da meia noite. Disponível em: <www.letras.terra.com.br> Acessado em: 15/11/2013.

PSDBNUNCAMAIS (site). Itinerário de um escândalo: 45 escândalos da era FHC. Disponível em: < <http://psdbnuncamais.blogspot.com.br/>> Acessado em: 09/09/2013.

WIKIPEDIA (site). História de Brasília. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>> Acessado em: 09/09/2013.

WIKIPEDIA (site). Racionais Mc's. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>> Acessado em: 12/11/2013.

WEISSHEIMER, Marco. O caso Ford: um desagravo a Olívio Dutra. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/> > Acessado em: 08/09/2013.

ANEXO

Bomba H- Face da Morte

Só idéia forte aqui é Face da Morte que chegou pra ficar não veio pra rebolar, na batida que apavora o RAP é foda e não é moda, foda-se quem se incomoda, revolução ta nu ar minha rima é Bomba H, difícil de segurar, eu cheguei pra somar trocar uma idéia de irmão e ai sangue bom a coisa aqui não é fácil não, cheirar cola, fumar crack, dar um tiro ou tomar baque, encher a cara de cachaça, ou assistir o sai de baixo, é melhor pensar um pouco e ver em qual droga eu me encaixo, eu acho, que nenhuma vale a pena, to fora desse esquema, eu quero ir pra bem distante, espere um instante acho que eu vou pra beira mar pegar um taxi pra estação lunar, quem sabe de lá eu consiga ver entender, melhor esse mundo imundo, como já disse Zé Ramalho, e vida de gado, baralho marcado, não entendo esse jogo, tão me fazendo de bobo, vê se pode no congresso muda a lei em benefício da Forde enquanto o povo passa fome é humilhado e só se fode, na rua eu vejo as tropa de choque, trocando tiro na favela e o sangue escorre nas vielas, quem tem fé acende vela, um corpo rola no escadão, é a missão do militar de baixo e alto escalão, nos quartéis eles ensinam uma antiga lição de morrer pela pátria e viver semrazão. 12 manos armados, executaram um bem bolado, atitude e sorte, na fita do carro forte que rendeu quase um milhão, garantia de pão, um mano me disse que o 57 é o que resta nada mais interessa, lhe é negada a educação, distorcida a informação, um processo de exclusão que deixa a marca, o Rap retrata na levada, na caixa, no bumbo, baixo, marcando o compasso, chimbal, na luta contra o mal, minha rima é letal, também sou racional mas tem o lado animal, no país do carnaval, onde o clima é tropical, tudo aqui é uma delicia mas confira a estatística, calcule as proporções com mais de 15 anos mais de 15 milhões que não sabem o be-a-ba desse jeito não dá, onde essa porra vai parar, Juscelino Kubistschek, a quem conteste, levou o governo do Brasil pra Brasilia, Seguindo nesta trilha FHC é bem pior um sociólogo vendido, entrega nosso governo aos Estados Unidos, serviçal do Imperialismo, doutorado em cinismo. Um tal de FMI é quem dá as cartas por aqui, tem Concentração de renda, latifúndio, fazenda, piscina, na favela tem chacina, no congresso descobriram coisa boa é cocaína pra fazer negócio da china, agora olhe do seu lado um cara de carro importado, com ar condicionado, anda de vidro fechado, no sinal é abordado, se pá assassinado, porque? Tente você responder, a Elite tem que entender desigualdade social é a origem de todo mal. Vou mandar um comunicado a direção do playcenter, que tem muito concorrente de olho na patente das noites do terror, tipo onde eu levo o meu avô, tem morto no corredor, nos hospitais da rede publica, há choro e muita suplica, mas falta remédio, leito, médico e respeito, ninguém dá um jeito, o investimento na saúde é muito

pouco e precário, o ministro José Serra é um bom agente funerário. Eu sou Católico Crismado e Batizado, outro dia injuriado, Fui dá um role lá no centro cheguei lá tava chovendo, aproveitei entrei num templo, não vejo nada de mal já que Deus é universal, porém, não concordei com o que vi, coitados sendo explorados até o ultimo centavo, eu acho muito esquisito comprar favores no céu, sacrificando seu dinheiro na fogueira de Israel, vou explicar agora veja, você faz um depósito na conta da igreja, o comprovante vai pro fogo e o dinheiro vai pro bolso, de Deus é claro, pra que fique mais claro é tipo assim, a regra dessa firma, joga o dinheiro pra cima o que Deus pegar é dele o que cair no chão é meu, entendeu, é a vida tudo bem cheguei a conclusão que fé de mais não cheira bem, cada vez mais expostos nos empurram impostos, confortáveis em seus postos, ganham um puta dinheirão eles são os anões que apertam botões e manipulam a nação por meio da televisão, com a retórica e a Republica, faz em na vida publica oq fazem na privada, um monte de bosta que não servem pra nada.